

ser humano. Eis a tarefa política da escrita, da arte, da educação, da filosofia: lembrar-nos que somos infância e dos riscos das pretensões de apagá-la.

REFERÊNCIAS

- Cixous, H. e Derrida, J. (2019). On deconstruction and childhood. *The Oxford Literary Review*, 41(2), 149–159.
- Derrida, J. (2000). La pharmacie de Platon. Em L. Brisson (trad.), *Platon: Phèdre* (pp. 255–403). Paris: GF-Flammarion. (Trabalho original publicado em 1968).
- Derrida, J. e Dufourmantelle, A. (1997). *Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre: De l'hospitalité*. Paris: Calmann-Lévy.
- Fry, K. (2014). Lyotard and the philosopher child. *Childhood & Philosophy*, 10(20), 233–246.
- Kohan, W. O. (2015). Visões de filosofia: Infância. *Alea: Estudos Neolatinos*, 17(2), 216–226.
- Liddel, H. G. e Scott, R. (1996). *Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press. (Trabalho original publicado em 1843).
- Locke, K. (2012). Lyotard's infancy: A debt that persists. *Postmodern Culture*, 23(1). Disponível em: <http://www.pomoculture.org/2015/07/07/lyotards-infancy-a-debt-that-persists/>
- Lyotard, J-F. (1991). *The inhuman: Reflections on time* (G. Bennington e R. Bowlby, trads.). Stanford: Stanford University Press. (Trabalho original publicado em 1988).
- Lyotard, J-F. (1997). *Lecturas de infancia*. Buenos Aires: Eudeba.
- Lyotard, J-F. (2005). *Le postmoderne expliqué aux enfants*. Paris: Galilée. (Trabalho original publicado em 1986).
- Lyotard, J-F. (2006). The affect-phrase. Em K. Crome e J. Williams (eds.), *The Lyotard reader and guide*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Lyotard, J-F. (2012). *Pourquoi philosopher?* Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1964).
- Platão (2001). *Diálogos: Teeteto – Crátilo*, vol. 9 (C. A. Nunes, trad.). Belém: UFPA. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2011). Fedro. Em C. A. Nunes (trad.), *Diálogos de Platão* (vol. 3). Belém: UFPA. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2016). Górgias. Em E. Bini (trad.), *Diálogos 2: Górgias; Eutidemo; Hípias Maior; Hípias Menor*. São Paulo: Edipro. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2019). Criton (ou Do dever). Em E. Bini (trad.), *Diálogos Socráticos* (vol. 3). São Paulo: Edipro. (Obra original do século IV a. C.).
- Smeyers, P. e Masschelein, J. (2012). L' enfance, education and the politics of meaning. Em P. A. Dhillon e P. Standish (eds.), *Lyotard: Just education* (pp. 140–156). Londres: Routledge. (Trabalho original publicado em 2000).

Calibán -
RLP, 19(1-2),
215-219
2021

Mauro Vallejo*

» Flores, anjos e marionetes: A criança como mistério maleável no pensamento de Freud

Há apenas algumas semanas, circulou pelas redes um pequeno vídeo em preto e branco que aparentemente capturava um breve instante da vida cotidiana ou familiar de Sigmund Freud. A cena, com cerca de vinte segundos, transcorre em um lugar como um jardim ou praça. Uma mulher tem em seus braços uma menina pequena, claramente de menos de um ano de idade. A seu lado está o criador da psicanálise. A imagem não é clara, mas Freud parece ter algo em sua mão esquerda. A mulher, desejosa de atrair a atenção da criança, puxa esse objeto, arrastando em sua direção a mão do psicanalista (que opõe certa resistência a esse gesto que o transforma em um autômato). No mesmo momento outro homem estala os dedos perto do rosto da menina, tentando também captar seu interesse. Outras cinco pessoas, em semicírculo, olham extasiadas os movimentos esquivos da pequena. De repente, com uma agilidade surpreendente e com passos rápidos, um envelhecido Freud se retira do quadro e reaparece com uma flor na mão. Ele se aproxima do rosto da menina, que tenta tocá-la com seus dedos.

Este artigo retoma, de algum modo, a constelação de objetos que compõem essa cena duvidosa. Trata-se da interrogante pela natureza da criança no pensamento freudiano, em sua fase inicial. Sejam mais precisos: o que está em jogo não é tanto a natureza disto que chamamos criança, mas sim sua localização mutante em um discurso, sua redistribuição tática. Algo assim como sua *ontologia oscilante*. Para refletir a propósito dessa localização vacilante, lançamos mão de algumas figuras que estruturam aquele filme doméstico: corpos que parecem marionetes (e marionetes que emulam corpos), objetos sedutores e olhares, olhares por toda parte. Tanto se insistiu em que aos olhos de Freud a mulher não deixou de ser jamais um enigma intransponível que se passou por alto o *mistério maleável* que a criança sempre significou para esse mesmo olhar.

Para entender como funciona essa localização versátil da criança, nada melhor que retomar o autor que a colocou em evidência. Em uma aula de 12 de março de 1975 no *Collège de France*, Michel Foucault (1975/1999) afirma que um dos mecanis-

* Pesquisador do Conicet (Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas)

mos pelos quais se conseguiu a conformação ou a coagulação da família conjugal ao longo do século XIX foi dado pela problematização do corpo da criança; fundamentalmente, sua sexualidade onanista. Ao postulado de que a masturbação infantil era a causa das piores doenças se somou a certeza de que a culpa não era da criança, pois o ato não respondia a nenhum impulso interno. Se a criança se tocava, isso era a consequência de uma sedução prévia produzida por um adulto (principalmente, as empregadas domésticas e os educadores). A solução redentora passava pela modificação do espaço familiar, que consistia na “eliminação de todos os intermediários”¹ (p. 231). Durante todo este longo século, os pais foram intimados a vigiar, apalpar e investigar os corpos de suas crianças, com o mandato expresso de surpreender a irrupção do gesto pecaminoso. Foi tão insistente o convite para fazer com os corpos de seus filhos um só e mesmo corpo que se produziu uma “indiscrição incestuosa”. A partir desse ponto de vista, nas palavras de Foucault, a psicanálise “vai aparecer como técnica de gestão do incesto infantil e de todos os seus efeitos perturbadores no espaço familiar.”² (p. 253)

A hipótese de Foucault é certamente provocadora, pois convida a perguntar até que ponto o impulso inaugural da teoria de Freud não foi mais que um elo erudito de uma corrente de longa data. Efetivamente, a formulação do filósofo parece feita para caber sem sobras no molde da teoria da sedução. Com essa conjectura, o psicanalista não faria outra coisa a não ser prosseguir, talvez sem saber, um discurso que há décadas preenchia diversos manuais referentes ao cuidado do corpo infantil (provenientes da medicina, da pedagogia ou da higiene profana). Em seus enunciados dos anos 1895-1897, Freud repetia sem titubear os lemas e os temores daquela velha ladainha: as piores doenças eram uma derivação de apalpadelas e abusos perpetrados por babás, governantas e educadores em geral.

Então, a provocação de Foucault pode valer menos por seu conteúdo que pelo procedimento que a ampara; isso é, analisar os saberes sobre o corpo da criança não tanto pelo que efetivamente dizem sobre esse objeto, mas sim por sua funcionalidade estratégica. Em outras palavras, atender de que forma fazem da criança uma caixa vazia que serve para reordenar ou redistribuir outros elementos.

Esta foi abertamente a operação fundante da psicanálise. No espaço de uns poucos anos, quando esse discurso se empenhava em efetuar eleições estratégicas duradouras, a essência e a funcionalidade disso que se chamava criança se viram alteradas de forma frequente. Tudo isso requereria um desenvolvimento muito mais extenso, mas apontemos que, no que diz respeito a seu saber sobre a infância, dois movimentos alternados se produzem em Freud: por um lado, uma *cisão*, e pelo outro lado, uma *manipulação instrumental*.

No campo da *cisão* cabe colocar um aspecto chamativamente negligenciado no itinerário de Freud. Durante dez anos, entre 1886 e 1896, três vezes por semana o futuro psicanalista trabalhou como diretor da seção de doenças neurológicas de *Ersstes Öffentliches Kinder-Kranken-Institut in Wien* (Primeiro Instituto Público para Crianças Doentes de Viena). No desempenho desse cargo, observou e atendeu uma infinidade de crianças afetadas por severas patologias neurológicas. Graças a essa experiência, transformou-se em um dos principais especialistas no estudo das paralisias cerebrais e das diplegias em infantes, tal e como se reflete em algumas de suas publicações na matéria (Freud, 1893b, 1897; Freud e Rie, 1891; Bonomi, 2007).

Conforme aumentava seu interesse pelas psicose, o hipnotismo ou as neuroses atuais, esse trabalho no terreno da neurologia infantil deixou de entusiasmar-lo. Seja como for, durante longos anos Freud teve um contato cotidiano com crianças pequenas; apalpou seus corpos, mani-

pulou seus membros, mediu suas reações. Edificou ao redor desse *corpo observado* um *corpus* teórico que cultivou um perdurável respeito entre seus colegas continentais – a ponto de seu principal e extenso tratado de 1897 continuar sendo, durante muitas décadas, uma referência iniludível na matéria. Podemos nos perguntar: como pôde evitar que esse saber e essa expertise sobre a infância não contaminassem suas elaborações contemporâneas no campo das psicose, especialmente no período no qual o infantil começou a cobrar uma significação substancial em sua compreensão dessas patologias em adultos? A resposta se encontra na célebre *cisão*. Poderíamos citar como botão de teste um pequeno escrito de 1893, no qual Freud (1893a) tenta resenhar os casos de enurese infantil que ele tinha observado em seu trabalho frente àquele instituto. Quem, por esses mesmos meses, se destacava em seu trabalho com adultos jovens como um exímio semiólogo de lembranças, afetos e representações, em seu manejo de crianças doentes mostrava ser um neurologista de estirpe, que nem por suspeita poderia se permitir a suposição de fenômenos afetivos por trás de um lençol molhado.

Se dirigirmos a atenção para seus escritos mais familiares, verificamos essa impermeabilidade em relação a toda aprendizagem a propósito das crianças. Durante muitos anos – muitos mais do que costuma se supor –, Freud compartilhou com seus colegas a presunção da assexualidade dos infantes. Já em um escrito de 1888, Freud citava a impressionante evidência da histeria em “meninas e meninos sexualmente imaturos”³ (p.56) como indicador mais que suficiente para descartar a ideia de que a sexualidade tivesse algum papel na provocação daquela doença nervosa. Aos olhos de Freud – e essa certeza tardou muito em ser desfeita –, a criança era um anjo assexuado. E a mais clara confirmação dessa verdade pode ser encontrada no lugar onde não se quer vê-la: em sua teoria da sedução.

A infância aparece na pluma do Freud psicanalista no instante mesmo em que se dilui a criança neurológica. Quase no mesmo instante no qual a *criança real* deixa de estar cotidianamente sob o olhar do neurologista vienense, outra infância emerge no outro lado de seu trabalho e de seu pensamento (ou, melhor, em seus ouvidos). *Uma infância já não real, mas textual*. Até outubro de 1895, a infância não desempenhava nenhuma função especial na explicação que Freud dava das doenças neuróticas. Na parte final desse ano, Freud percebeu que em muitos casos o evento que tinha de cumprir o papel de causa das manifestações patológicas era trivial ou anedótico, e que por si mesmo não podia produzir a doença. Era necessário buscar em outro lugar, mais atrás, a verdadeira causa. E é então que Freud começa a se preocupar com a infância, o que faz no *Projeto* para uma psicologia científica (Freud, 1950 [1895]/1994b), mediante a célebre tese da “suplementaridade”. Tudo isso é coisa sabida e não tem sentido repetir aqui os detalhes da teoria da sedução. No entanto, há algo sobre o que talvez não se tenha refletido o suficiente. Que características apresenta a criança dessa teoria? O traço mais chamativo é sua carência de impulsos. Quem ler (com olhos abertos) os três escritos de 1896, assim como as cartas nas quais Freud desenvolve a teoria traumática, verá que Freud jamais atribui a essa criança algum desejo, impulso ou vontade (Freud, 1896/1999c, 1896/1999d, 1896/1999b).

Até meados de 1897, essa criatura textual denota uma superfície corporal sem avesso. A infância é o momento no qual se imprimem como lembranças inconscientes os indícios dos ataques dos adultos. É o negativo da família (ou do lar, conformado pelo pessoal auxiliar). Essa criança “lembrada” é uma marionete de papel, um corpo sem impulsos, quase sem fantasias, capaz de, no máximo, repetir mais tarde, com seus coleguinhas, as injúrias sexuais recebidas.

Em síntese, em todo este tempo, a *criança freudiana* era um ente estritamente

1. N. do T.: Tradução de Brandão, E. A tradução desta citação corresponde à página 293 de: Foucault, M. (2001) *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975).

2. N. do T.: Tradução de Brandão, E. A tradução desta citação corresponde à página 346 de: Foucault, M. (2001) *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975).

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 45 de: Freud, S. (1996). Histeria. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 34 - 51). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1888). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/VnadqSh>



↑
Les linges, 2020
 Christian Boltanski
Metal tables on wheels, cardboard, cotton cloth, staples, neon flexible LED (optional), Dimensions variable
 Installation view Galerie Marian Goodman Paris

Courtesy: Christian Boltanski Studio and Marian Goodman Gallery
 ©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP
 Photo credit: Rebecca Famuele

narrativo. A criança vale ali somente como lembrança. Assim como seu corpo não tem profundidades – pois ele só existe como receptor dos abusos, e carece de impulsos próprios – ele mesmo não tem outra existência que a da lembrança. É duplamente um ente textual, como componente do relato dos pacientes, mas sobretudo como peça de um saber.

E é aqui que cabe recuperar a categoria de *manipulação instrumental*. Não apenas para explicar a irrupção dessa infância textual, mas também para esclarecer sua rápida metamorfose. A que missão serviu a colocação da criança-lembrança como eixo ou engrenagem fundamental da primeira teoria da sedução? A resposta está nos próprios escritos de 1896: mediante a postulação

desse particular mecanismo explicativo das psiconeuroses, Freud não somente dava com uma ansiada fundamentação etimológica das patologias, mas podia finalmente romper com a hereditariedade que tanto o incomodava. Dizer que toda neurose adulta era o efeito retardado de uma violação perpetrada sobre a criança por uma babá ou um educador (jamais por um pai! Pelo menos até dezembro de 1896) servia de forma perfeita para ambas as missões. Então, sabemos que essa conjectura foi muito mal recebida pelos médicos europeus, e uma das objeções mais sérias foi que ela desconhecia os padrões familiares (ou hereditários) das doenças nervosas. Foi para contrapor essa impugnação que a criança textual sofreu uma mudança discutível, ocorrida em vá-

rios tempos. Primeiro, sem deixar para trás sua carência absoluta de impulsos, a criança deixou de ser vítima de atentados cometidos por esses terceiros um tanto distantes e passou de repente a se definir como mártir da perversão do pai. Graças a essa permuta, a fenomenologia patológica voltou a se adequar aos bons usos da medicina do final do século: a súbita introdução do pai como abusador – que pode ser datada com dia e hora graças às cartas enviadas a Fliess (Freud, 1950 [1887-1904]/1994a) – habilitou Freud a mostrar que sua teoria também explicava, sem a arcaica linguagem da herança, a ocorrência familiar dos mal-estares. A substituição da babá pelo pai provocou um tipo de retrocesso na estratégia de familiarização empreendida por Freud: renunciou-se a uma familiarização política (o lar como nicho prejudicial) a favor de outra que não deixava de ser sanguínea (Vallejo, 2012, 2013).

A segunda mudança esteve cifrada na paulatina atribuição à criança de uma vida impulsiva (que também pode ser datada detalhadamente mediante a leitura da correspondência com Fliess). Essa injeção de interioridade não podia, por acaso, colocar em perigo o já construído? De fato, o apon-tamento do caráter polimorfo dessa recém estreada sexualidade infantil (cuja certidão de nascimento data de outubro de 1987) podia significar a dissolução da construção familiar que até então tinha velado o intercâmbio de impulsos. Freud exorcizou com presteza esse pavor, retraduzindo com o código de Édipo os balbucios sexuais dessa nova criança.

A infância foi para esse adiantado Freud uma peça móvel, um lugar vazio cuja significação primordial estava dada por sua funcionalidade estratégica. *Familiarizar* a patologia foi o artifício produtivo que Freud precisou para dar um enquadre tranquilizador ao mundo escuro que se abria frente a seus olhos. Ou que, melhor dito, fazia-se escutar. Pois se Freud tivesse permanecido preso ao hábito cansativo de ver corpos infantis, talvez nunca teria sido capaz de ver na enurese outra coisa que tendões “travessos”. Ao se dedicar a forjar uma criança, que até aquela época era apenas um carretel textual de lembranças, foi capaz de dar

ouvidos a desejos que, bem ou mal, escavavam com agilidade e passos indecisos, a confinamentos forçados.

REFERÊNCIAS

- Bonomi, C. (2007). *Sulla soglia della psicoanalisi*. Florência: Bollati Boringhieri.
- Foucault, M. (1999). *Los anormales*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1975).
- Freud, S. (1893a). Über ein Symptom, das häufig die Enuresis nocturna der Kinder begleitet, *Neurologisches Zentralblatt*, 21, 736-737.
- Freud, S. (1893b). *Zur Kenntniss der Cerebralen Diplegien des Kindesalters*. Viena: Franz Deuticke.
- Freud, S. (1897). *Die infantile Cerebrallähmung*. Viena: Alfred Hölder.
- Freud, S. (1994a). Cartas a Wilhelm Fliess. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1887-1904]).
- Freud, S. (1994b). Proyecto de psicología. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 362-364). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Freud, S. (1999a). Histeria. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 41-45). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1888).
- Freud, S. (1999b). La etiología de la histeria. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 3, pp. 185-218). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1999c). La herencia y la etiología de las neurosis. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 3, pp. 139-156). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1999d). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 3, pp. 157-184). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. e Rie, O. (1891). *Klinische Studie über die halbseitige Cerebrallähmung der Kinder*. Viena: Moritz Perles.
- Vallejo, M. (2012). *La seducción freudiana (1895-1897): Un ensayo de genética textual*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Vallejo, M. (2013). *Familiarización neurológica versus familiarización psicoanalítica: Una aproximación al problema de lo familiar em Sigmund Freud, neurólogo infantil del Erstes öffentliches Kinder-Kranken-Institut in Wien (1886-1896)*. Em L. Lutereau e A. Kripper (comp.), *Deseo, poder y diferencia: Foucault y el psicoanálisis* (pp. 31-49). Buenos Aires: Letra Viva.